

## PROMOVENDO UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: práticas do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas<sup>1</sup>

### PROMOTING ANTI-RACIST EDUCATION: practices of the Center for Afro-Brazilian and Indigenous Studies

Amália Cardona Leites<sup>i</sup>

Carlos Eduardo Bartel<sup>ii</sup>

**RESUMO:** Este artigo aborda as atividades do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Instituto Federal Catarinense, tendo como referencial teórico Dermeval Saviani, Aníbal Quijano e Nilma Lino Gomes. O núcleo promoveu ações que extrapolaram datas tradicionais e abordaram temas como racismo e demarcação de terras indígenas. Neste trabalho o objetivo é realizar uma reflexão sobre as atividades e analisar sua recepção na comunidade acadêmica. Para tanto, a metodologia utilizada consistiu em um questionário aplicado aos membros do núcleo. Os resultados demonstram uma recepção positiva das ações e indicam a necessidade de que as discussões sobre a temática étnico-racial sejam ampliadas.

**Palavras-chave:** Educação básica. Inclusão. Discriminação.

**ABSTRACT:** This article discusses the activities of the Center for Afro-Brazilian and Indigenous Studies at the Federal Institute of Santa Catarina, using Dermeval Saviani, Aníbal Quijano and Nilma Lino Gomes as theoretical references. The center promoted actions that go beyond traditional dates and address issues such as racism and the demarcation of indigenous lands. The aim is to reflect on the activities, analyzing their reception. To this end, the methodology used consisted of a questionnaire applied to the center members. The results show a positive reception of the

---

<sup>1</sup> Este artigo retrata um projeto cujas ações são voltadas às Relações Étnico-Raciais e de Gênero, e foi contemplado no edital 77/2022 – Edital de apoio a projetos integrados de Ensino, Pesquisa e Extensão aplicado aos arranjos produtivos culturais, sociais e locais nos campi do Instituto Federal Catarinense.

actions and indicate the need for discussions on ethnic-racial issues to be expanded.

**Keywords:** Basic education. Inclusion. Discrimination.

## 1 INTRODUÇÃO

O NEABI- Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas é um núcleo institucional do Instituto Federal Catarinense (IFC) que foi fundado em 2020 no Campus Ibirama, no estado de Santa Catarina. Desde então, tem tido atuação nos meios digitais e fora deles, com o objetivo de desenvolver o letramento racial, auxiliar na formação democrática e cidadã dos estudantes, promover a diversidade e a pluralidade e combater a discriminação étnico-racial e o preconceito. A importância do NEABI relaciona-se à promoção da discussão sobre a educação das relações étnico-raciais com toda a comunidade acadêmica e com o auxílio na formação de servidores e discentes e o fortalecimento de identidades negras e indígenas da instituição. No que diz respeito à sua atuação, o NEABI - Ibirama vai muito além das datas tradicionalmente associadas à negritude ou à questão indígena, como o 13 de maio ou o 19 de abril, e é importante ressaltar que o núcleo localiza-se a poucos quilômetros da Terra Indígena Ibirama, território do povo Laklanõ-Xokleng. Sabemos que o racismo no Brasil é estrutural e se manifesta de diferentes formas: desde as diferenças no acesso à educação e ao lazer; passa pela distribuição desigual de renda e transparece também no uso de termos racistas na linguagem falada e escrita. Assim, as ações do núcleo direcionam-se no sentido de lutar contra a invisibilidade dos povos afro-brasileiros e indígenas, e também de promover a divulgação de conhecimentos históricos, sociais, políticos, culturais e artísticos relativos a estes grupos, multiplicando esses saberes principalmente nas escolas.

O presente artigo aborda as atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2023 no NEABI, com o objetivo de fornecer um relato detalhado e reflexivo sobre suas iniciativas. Além disso, almeja-se que este estudo possa oferecer alguns exemplos e diretrizes para outros docentes interessados em promover discussões e práticas inclusivas sobre as questões étnico-raciais. Importante ressaltar que as ações aqui desenvolvidas somente foram possíveis através da bolsa de extensão, oriunda do IFC. O fato do projeto ter sido contemplado no edital 77/2022 viabilizou a atuação de uma bolsista de Ensino Médio com dedicação de oito horas semanais, ao longo do ano todo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Não é de hoje que se discute o papel da escola como sendo muito além de mera transmissão de conteúdo aos estudantes. Dentro e fora da sala de aula, na interação com professores, colegas e funcionários, os estudantes desenvolvem muitos outros aspectos e entram em contato com diferentes valores que irão afetar, em maior ou menor grau, a manifestação de uma consciência crítica e social de determinado tipo. Concordamos com Saviani quando ele afirma que uma das tarefas da escola é promover o ser humano em um sentido integral, no sentido de torná-lo “cada vez mais capaz de

conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens”(SAVIANI, 2004, p. 37). A partir desta concepção da função primordial da escola, defendemos a importância de uma pedagogia decolonial, comprometida com novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento.

A colonização das Américas impôs aos povos colonizados não somente um modelo de poder e exploração, mas também formas de pensar, sentir e agir nas quais a desvalorização dos próprios saberes e culturas é estimulada em prol da assimilação dos valores europeus (QUIJANO, 2005, p.126). Desta forma, uma pedagogia decolonial seria aquela que realiza uma profunda crítica dos fundamentos que foram impostos como universais, e trabalha no sentido de evitar o apagamento do legado cultural dos povos indígenas e africanos, como exposto por Vera Maria Ferrão Candau e Luiz Fernandes de Oliveira. Ao analisar a regulamentação da Lei 10.639/2003, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, os autores argumentam o seguinte:

(...) também que há uma demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, e esse reconhecimento requer estratégias de valorização da diversidade. Além disso, esse reconhecimento passa pela ressignificação de termos como negro e raça, pela superação do etnocentrismo e das perspectivas eurocêntricas de interpretação da realidade brasileira e pela desconstrução de mentalidades e visões sobre a história da África e dos afro-brasileiros. (OLIVEIRA e CANDAU, 2010, p.31)

Na esteira do que defendem os autores supracitados, Nilma Lino Gomes sinaliza a importância de que a questão racial na escola seja tratada para além da leitura de livros e manuais, e passe por uma alteração efetiva dos valores e dinâmicas escolares. Aproximando-se da compreensão de Saviani a respeito da função da escola, Gomes afirma ainda que:

Ainda encontramos muitos(as) educadores(as) que pensam que discutir sobre relações raciais não é tarefa da educação. É um dever dos militantes políticos, dos sociólogos e antropólogos. Tal argumento demonstra uma total incompreensão sobre a formação histórica e cultural da sociedade brasileira. E, ainda mais, essa afirmação traz de maneira implícita a ideia de que não é da competência da escola discutir sobre temáticas que fazem parte do nosso complexo processo de formação humana. Demonstra, também, a crença de que a função da escola está reduzida à transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, como se estes pudessem ser trabalhados de maneira desvinculada da realidade social brasileira. (GOMES, 2005, p. 146).

Amparados pelas perspectivas dos autores e autoras mencionados, e a partir do reconhecimento da importância de que a comunidade escolar como um todo se comprometa com a Educação das Relações Étnico-Raciais e com o combate ao racismo, as ações do NEABI no Campus Ibirama foram pensadas e desenvolvidas ao longo de 2023 da maneira que segue.

## 2.1 Explorando as possibilidades: ações do núcleo, dentro e fora da instituição

Passamos a relatar nesta seção as ações planejadas e executadas pelos membros do núcleo ao longo de 2023. Todas as atividades foram discutidas em reuniões cuja interação de estudantes, técnicos e docentes do Campus ocorreu de forma horizontal, e as construções efetivaram-se de maneira coletiva. Nestas reuniões, que inicialmente tinham uma periodicidade mensal e passaram a ser quinzenais, não só se planejaram ações, mas também foram discutidos capítulos de obras como “O que é racismo estrutural”, de Sílvio de Almeida (2019). Em todas as ações do núcleo destacamos o protagonismo de duas bolsistas, estudantes do ensino médio integrado ao técnico. A sua compreensão da seriedade do trabalho com a temática étnico-racial no campus tem transparecido na pesquisa e produção de conteúdo para a rede social do projeto no Instagram (@neabi.ifc.ibirama).

Iniciamos o ano letivo com a edição de um vídeo alusivo ao 21 de março como Dia Internacional da Luta contra a Discriminação Racial, que em 2023 passou a ser também o Dia Nacional das Religiões de Matriz Africana e Nações de Candomblé. O trabalho de pesquisa e gravação foi todo feito pelos estudantes membros, e sabemos o quanto o tema é sensível em um estado onde quase a totalidade da população é branca. Em abril realizamos a “Semana Cultural Indígena” com atividades diversas que foram executadas no intervalo do almoço dos estudantes do ensino médio: uma estudante indígena ficou responsável pela oficina de Língua Xokleng e por um ‘bate-papo’ referente à situação dos Yanomami. Foram produzidos cartazes artísticos e um grupo de anciãs da Terra Indígena Ibirama visitou o campus e expôs seus artesanatos. No campus também existe um curso superior de Design de Moda, que recebeu virtualmente a estilista indígena Day Molina para abordar o tema “moda decolonial”.

No mês seguinte, maio, foi promovida uma roda de conversa que problematizou a data de 13 de maio de 1888 como abolição da escravidão, salientando-se a necessidade de uma compreensão mais ampla sobre os impactos negativos deste processo no que diz respeito à inclusão das pessoas negras na sociedade brasileira. Em junho, visitamos duas escolas estaduais da cidade com a proposta de discutirmos maneiras de enfrentar o racismo na escola. Tivemos uma recepção muito boa por parte dos cerca de 100 estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental e de 3º ano do Ensino Médio que participaram com relatos e perguntas. Em alusão ao Dia Internacional dos Povos Indígenas, 09 de agosto, organizamos um momento com todos os estudantes de Ensino Médio para abordarmos o Marco Temporal, visto que a Terra Indígena Ibirama, localizada a poucos quilômetros do Campus, está no centro do processo judicial que tramita no Supremo Tribunal Federal. A discussão da demarcação de terras indígenas é extremamente sensível e polêmica na região do Alto Vale do Itajaí, e talvez esta tenha sido a atividade mais desafiadora do ano.

No mês de outubro, no dia das crianças, os membros do núcleo visitaram duas escolas de ensino fundamental, uma no município de Ibirama e outra em Presidente Getúlio, com a proposta de mostrar a importância do resgate histórico de brincadeiras que tem origem indígena e africana e também a influência que estas culturas têm em nosso cotidiano. A pedido de uma professora de Artes, em uma das escolas foi feita uma breve fala sobre arte Xokleng. O encerramento das atividades do núcleo ocorreu em novembro, Mês da Consciência Negra, com a visita do escritor angolano Fernando Chissende, que apresentou um panorama histórico e cultural de Angola e dos países lusófonos de África. Também foi realizado um cine-debate a partir do documentário “Quando a escola é nossa casa”,

disponível no YouTube e produzido pelo projeto Juventudes Negras Periféricas, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Na sequência houve oficina de bonecas Abayomi e produção de cartazes abordando a temática da Consciência Negra. É importante destacar que todas as atividades aqui mencionadas partiram de ideias de estudantes membros do núcleo, e são protagonizadas por eles.

A interlocução com a comunidade Laklanõ-Xokleng é contínua: além da participação de uma estudante indígena no núcleo e de termos recebido as anciãs Laklãnõ em abril, no mês de setembro fizemos uma visita com mais de 40 estudantes na Aldeia Figueira, na Terra Indígena Ibirama. O 22 de setembro é uma data de muita importância para os Laklanõ-Xokleng, visto que marca o "Dia do Contato", data em que ocorreu o primeiro contato "pacífico" dos Xokleng com não-indígenas<sup>2</sup>.

## 2.2 Olhar de dentro: a percepção dos membros da comunidade acadêmica

A partir do anteriormente apresentado, avaliamos que seria importante compreender de que forma as atividades promovidas pelo núcleo em 2023 foram recebidas por pessoas que tem interesse na temática. Para os fins deste artigo, por "interesse na temática" consideraremos as pessoas que fazem parte do grupo de WhatsApp do NEABI, quer sejam estudantes, servidores ou comunidade externa. Este grupo, criado em 2021, atualmente conta com 45 pessoas e tem se configurado como o principal canal de comunicação entre os membros, pois nele tanto marcamos as reuniões presenciais quanto compartilhamos (e debatemos) notícias relacionadas às questões negras e indígenas.

Assim, passamos agora a apresentar os dados obtidos em um questionário aplicado aos membros do grupo de Whatsapp do NEABI Ibirama, no mês de novembro de 2023, e respondido por 18 pessoas. Os respondentes foram divididos nas seguintes categorias: estudantes de Ensino Médio Integrado aos Cursos Técnicos (Cursos Técnico em Informática, em Administração e em Vestuário); estudantes de ensino superior (Curso de Design de Moda); estudantes de pós-graduação (Curso de Educação e Interdisciplinariedade); egressos; servidores (técnicos administrativos ou docentes) e comunidade externa. O questionário foi elaborado através do Google Formulário, enviado pelo próprio grupo de WhatsApp, e os nomes dos respondentes não foram coletados. Foram feitas inicialmente perguntas para saber o tipo de vínculo com o núcleo e se a pessoa havia participado de alguma das atividades do NEABI neste ano.

Na sequência, as seguintes perguntas eram apresentadas:

- Caso você tenha participado de alguma atividade presencial, por favor escreva sua opinião sobre ela (se não participou, basta responder: não participei).

---

<sup>2</sup> A caracterização da data como dia do primeiro contato "pacífico" é bastante discutível pelos historiadores, visto que os indígenas não pararam de ser mortos após o encontro. O que ocorreu foi uma mudança na política do governo, que do genocídio aberto passou a tentar "assimilar" os Xokleng. Para mais informações a este respeito, sugerimos a leitura do artigo de Carlos Eduardo e Bartel e Adriano Mafra, "A construção do outro: imigração alemã e indígenas Xokleng na colônia Hamônia/Ibirama - um passado presente. In: RAHMEIER, Andrea Helena Petry; MÜHLEN, Caroline Von; GEVEHR, Daniel Luciano; SANTOS, Rodrigo Luis dos. (Org.). Migrações, Educação e Desenvolvimento: convergências e reflexões. Volume 2: 1ed.Porto Alegre/RS: Editora Fi, 2019, v. 2, p. 477-493.

- Avalie a atuação do NEABI no Campus, dando uma nota de 1 a 5, em que 1 indica “muitos pontos para melhorar” e 5 indica “boa/satisfatória.”
- Na sua opinião, qual a importância do NEABI no Campus?
- Na sua opinião, o que o núcleo deveria fazer diferente em 2024?
- Você aprendeu algo novo sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena do Brasil com o NEABI?
- Caso você tenha respondido "sim" à pergunta acima, por favor, cite o que você aprendeu de novo.
- Quais temas e atividades você acha que o NEABI deveria promover em 2024?

As primeiras perguntas delinearão o perfil dos respondentes: de um total de 18, 12 eram estudantes de Ensino Médio do Campus, um era estudante no Ensino Superior, dois eram servidores e três, egressos. Seis nunca haviam participado de atividades presenciais, enquanto os demais participaram de alguma reunião, palestra e/ou oficinas. A avaliação numérica da atuação dos núcleos teve maioria de notas quatro e cinco (16 respondentes) e duas pessoas deram nota três. Quando perguntados sobre se haviam aprendido algo novo sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena, em uma pergunta na qual era possível marcar mais de uma resposta, tivemos 12 afirmações “sim - haviam aprendido algo em uma das atividades presenciais”, e 10 respostas “sim - lendo as publicações das mídias sociais.”

A partir destes dados quantitativos, iniciou-se o processo de análise dos dados qualitativos. Sabemos que a fundação do núcleo remete principalmente às Leis 10.639/03 e 11.645/08, que estabeleceram a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Por isso, nos chamou a atenção as respostas à pergunta sobre qual a importância do NEABI no Campus: das 18 respostas a esta pergunta, o combate ao racismo apareceu oito vezes, e o acolhimento também oito vezes. Um estudante do Ensino Médio destacou “ser uma rede de apoio aos alunos que sofrem ou sofreram ataques, um local de acolhimento, onde cada estudante pode se sentir confortável, sem o medo de sofrer algum tipo de ataque”. Estas respostas demonstram o quanto o combate ao racismo e o acolhimento estão sendo entendidos como mais urgentes em comparação com o aprendizado sobre história e cultura afro-brasileira e indígena.

Quando perguntados sobre o que deveria ser feito de diferente em 2024, um respondente sugeriu: “Trazer mais alunos não brancos para o núcleo, pois ele está mais para núcleo de brancos do que de pessoas não-brancas”. Esta realmente tem sido uma dificuldade que, em parte, se deve à demografia da região, já que Santa Catarina é o estado com menor número de população negra no país. Da mesma forma, no Campus Ibirama a quantidade de estudantes negros e indígenas é muito baixa. Conforme dados internos de 2022, dos 150 ingressantes no Ensino Médio, apenas 21 eram negros ou indígenas, o que representa 14% do total.

Por último, quando perguntados sobre o que haviam aprendido com as atividades do núcleo ao longo do ano, dez respostas citaram temas relacionados aos povos indígenas, comprovando que o fato de existir uma terra indígena a poucos quilômetros do campus não é capaz de provocar, de maneira isolada, um maior conhecimento sobre o tema. É fundamental que o NEABI (na realidade, a escola como um todo) se engaje efetivamente neste sentido.

Com os resultados da pesquisa devidamente analisados, foi possível observar o quanto ainda é necessário avançar para que o Campus Ibirama coloque em prática a legislação existente sobre o ensino da história e cultura negra e indígena e também dê destaque para as lutas desses povos por direitos essenciais.

Finalmente, é preciso fazer uma ressalva e apontarmos as limitações dos dados apresentados: O questionário, da forma como foi realizado, demonstrou a percepção de um grupo heterogêneo, composto por pessoas de diferentes idades e com diferentes relações com o Campus, e que participaram de maneiras diversas destas atividades – alguns somente acompanharam de maneira online, pelas mídias sociais, por exemplo. Portanto, apesar de trazer luz para questões que devem ser melhor compreendidas, este questionário isoladamente não é capaz de se constituir em ferramenta de diagnóstico fechada e definitiva acerca das atividades desenvolvidas ao longo do ano. Entendemos que, a partir desse diagnóstico inicial, pesquisas posteriores poderão se debruçar sobre estes aspectos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do ano de 2023 as atividades do NEABI no Campus Ibirama tiveram um público médio entre 15 e 30 pessoas: estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Superior e membros da comunidade externa. Em primeiro lugar, cabe destacar o amadurecimento e o desenvolvimento da capacidade de iniciativa e organização das bolsistas e estudantes membros, que têm estado à frente de todas as iniciativas do NEABI no Campus. Considerando que a cidade de Ibirama situa-se no Alto Vale do Itajaí, região de forte colonização alemã e históricos conflitos violentos com os indígenas, e ponderando também que o Campus Ibirama tem aproximadamente 300 estudantes, parece-nos positivo que tenhamos um núcleo ativo, com membros fixos e com atividades contínuas. Além disso, as atividades externas foram muito bem recebidas pelos estudantes e professores das escolas visitadas, e nos mostraram o quanto, apesar da legislação específica ter mais de uma década, ainda se carece de conhecimento sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena, bem como de ferramentas para combater o racismo na escola. Por fim, entendemos que a atuação do NEABI é de suma importância para enfrentar esses desafios e promover a diversidade, pluralidade e inclusão no IFC e na comunidade circundante.

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.143-154.
- Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf). Acesso em: 15 set. 2023.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.01, p. 15 - 40, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002> Acesso em: 20 out. 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: [https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf). Acesso em: 26 nov. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 15ª. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

Recebido em: 19 de dezembro de 2023.

Aprovado em: 1 de julho de 2024.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/12032>

---

<sup>i</sup> **Amália Cardona Leites**. Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015). Professora EBTT do Instituto Federal Catarinense (IFC), integrante do Grupo de Pesquisa Processos Educativos do Instituto Federal Catarinense. Ibirama, Santa Catarina, Brasil.

*Curriculum Lattes*: <https://lattes.cnpq.br/8470807542089996>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7790-736X>

E-mail: [amalia.leites@ifc.edu.br](mailto:amalia.leites@ifc.edu.br)

<sup>ii</sup> **Carlos Eduardo Bartel**. Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2012). Professor EBTT do Instituto Federal Catarinense (IFC). Ibirama, Santa Catarina, Brasil.

*Curriculum Lattes*: <https://lattes.cnpq.br/3614972101489320>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0458-8924>

E-mail: [carlos.bartel@ifc.edu.br](mailto:carlos.bartel@ifc.edu.br)